

Vade retro, Corona! Sobre corpos, espacialidades, ataque demoníaco e rituais de exorcismo em tempos de pandemia

Vade retro, Corona! About bodies, spatialities, demonic attack and exorcism rituals in pandemic times

Rosemere Maia

Professora Convidada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFJF.

Professora Titular

Aposentada da ESS/UFRJ.

Doutora em Geografia pelo PPGEU/UFRJ.

E-mail: rosemaia@terra.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões a respeito do modo como o Coronavírus – tratado metaforicamente como Diabo –, introduziu-se no cotidiano de todos os habitantes do Planeta, alterando formas de apropriação e vivências espaciais, impondo novas rotinas e práticas ritualizadas, gerando medo e incertezas em relação ao futuro. Vexação, obsessão, possessão e infestação – expressões de ataque demoníaco derivadas da tradição católica –, serão aqui “secularizadas”, assim como os rituais referidos no texto romperão com barreiras que contrapõem racional e lógico *versus* não racional e místico. As diferentes áreas/instâncias da vida em que o Coronavírus exerceu seu poder (para além da saúde, *stricto sensu*) merecerão problematização, tendo como elementos empíricos dados derivados de um questionário on-line aplicado a usuários do Facebook, além de “memes” que estiveram presentes, durante 2020, na mesma rede social.

Palavras-chave: Pandemia, Coronavírus, Rituais, Exorcismo, Espacialidades.

Abstract

The article herewith puts forward considerations on how the Coronavirus – metaphorically treated as “the Devil” – has mingled with peoples’ ordinary lives worldwide, changing forms of appropriation and spatial experiences, imposing new ritualized routines and practices, bringing about fear and uncertainty about the future. Vexation, obsession, possession and infestation – expressions of demonic onslaught embedded in the Catholic tradition – will here be “secularized.” Likewise, the rituals referred in the text will break down barriers that oppose the rational and logical versus the non-rational and mystical. The different areas or instances where the Coronavirus has weighed down its power beyond the area of health (in its strict sense) will demand critical thinking based on empirical data included in an online questionnaire addressed to Facebook users, in addition to “memes” that have been added since 2020.

Keywords: Pandemics, Coronavirus, Rituals, Exorcism, Spaciality.

Introdução – quando o Diabo se apresenta

“Eu sou aquilo a que tudo se opõe” (Pessoa, 2004).

O Coronavírus (SARS-COV-2) e a Covid-19, doença por ele provocada, têm feito parte de nossa realidade desde fevereiro de 2020, quando, oficialmente, ocorreu o registro do primeiro caso no país. Desde então¹, já foram contabilizados cerca de duzentos e trinta milhões de casos confirmados no mundo, com quase quatro milhões e oitocentos mil mortos. Só no Brasil, já estamos na casa dos seiscentos mil óbitos,

¹O presente artigo foi finalizado em 13 de setembro de 2021, antes do aparecimento da variante Ômicron, detentora de um alto potencial de contágio, que fez disparar o número de infectados por todo o mundo, levando a OMS, a comunidade científica, profissionais de saúde e muitos governantes a reforçarem a importância de manutenção de medidas restritivas/preventivas.

número que coloca o país em um nada honroso segundo lugar no *ranking* das nações mais atingidas, perdendo apenas para os Estados Unidos.

Cientistas do mundo têm se dedicado freneticamente ao desenvolvimento/produção de vacinas e/ou medicamentos capazes de conter o avanço da pandemia e, conseqüentemente, de sua letalidade. Já houve várias conquistas neste sentido, embora ainda se constate um acesso desigual aos imunizantes, tendo as nações mais ricas largado na dianteira e, de alguma forma, conseguido resultados mais favoráveis, sobretudo no que se refere à diminuição do número de óbitos e de ocupação de leitos de UTI. Ainda que as vacinas sejam vistas, no momento, como nossas maiores aliadas, sempre somos lembrados de que ela, sozinha, não nos isenta de outros cuidados, recomendados pela OMS (Organização Mundial de Saúde), por infectologistas, virologistas e demais especialistas, que seguem, basicamente, em uma mesma direção: a de que o enfrentamento da Covid-19 requer investimento em distanciamento social, no uso de equipamentos de proteção individual e na assepsia frequente das mãos. Malgrado tais recomendações é comum observarmos, principalmente nas ruas, pessoas que não se preocupam em seguir tais regras de ouro, sendo recorrentes atitudes que demonstram absoluta falta de empatia, de responsabilidade, de solidariedade, de autocuidado e de cuidado com o outro, resultando na dificuldade de combate ao vírus.

Em tempos em que os contatos mais próximos soam como potencialmente perigosos, as redes sociais se transformaram em um campo fértil para a percepção de como a pandemia impactou a vida de todos, independentemente de classe social, gênero, raça ou local de moradia, embora alguns grupos ou sujeitos sociais venham sofrendo seus efeitos mais perversos. Impotência, medo, solidão e incerteza são sentimentos que se apresentam de forma recorrente nas postagens e comentários realizados no Facebook, no Instagram e no Twitter.

A violência, o desemprego e a falta de perspectiva são igualmente retratados nas diferentes mídias como realidades que mostraram suas faces ainda mais cruéis neste momento, sobretudo entre segmentos que, em tempos de “normalidade”, já eram afetados por tais fenômenos, como mulheres, profissionais do sexo, negros, jovens, pobres, moradores de favelas e bairros periféricos. E quando um mesmo indivíduo se

“enquadra” em mais de uma destas “categorias”, o efeito devastador tem sido ainda maior em sua vida.

Os novos desafios colocados pela pandemia, bem como hábitos que tiveram que ser alterados, tendem a mobilizar os internautas em termos de debates/polêmicas, sendo frequentes as referências às mudanças no mundo do trabalho (as principais delas são o trabalho remoto e o *home office*) e no processo de ensino-aprendizagem – em que estudantes e professores tiveram que se adequar às aulas on-line. As rotinas familiares igualmente foram alteradas, sendo exigida de todos os membros da família a assunção de tarefas que antes costumavam ser “terceirizadas” (sobretudo entre os segmentos médios e mais abastados), como a faxina da casa, o preparo das refeições, a compra, a higienização de alimentos e a organização da despensa. São patentes, da mesma forma, as expressões de frustração diante de projetos que precisaram ser adiados, abandonados ou redimensionados, como festas de casamento e aniversário, viagens, cursos, dentre outros.

Embora muitas postagens que pude acompanhar no Facebook já indicassem a dimensão dos impactos provocados pela chegada do Coronavírus nas diferentes dimensões da vida das pessoas, considere que apenas tomá-las como “objetos de pesquisa” não seria suficiente, pois quando alguém socializa determinado conteúdo nas redes sociais, em geral o que busca é a admiração, a aceitação, o engajamento e os *likes*. Segundo Deslandes e Coutinho:

Assim, o “outro” apresenta-se como uma audiência oculta, que constantemente medeia a forma de apresentação de si nas redes sociais. Não à toa, os estudos de Goffman retornam com força. Na pretensão de ser amado, apreciado e aplaudido, os indivíduos estariam submetidos ao que Sibilia chamou de “tirantias da visibilidade”, tendo de estilizar e cultivar suas imagens aos moldes de personagens da mídia audiovisual. A hipereposição torna-se assim uma característica intrínseca desta socialidade digital, numa projeção palinóptica, em que muitos vigiam muitos. (DESLANDES; COUTINHO, 2020, p. 3).

Percebi que não precisaria desconsiderar os *posts* feitos pelos meus amigos e amigas, mas seria importante ir além deles, visto que, de alguma forma, poderiam estar contaminados de modo indelével pelo “efeito plateia”. Eu desejava conhecer mais sobre a forma como enfrentavam a pandemia e, devo confessar, acreditava que

isso também me permitiria problematizar minha própria vida, situar-me diante de um contexto tão singular, exorcizar meus próprios demônios.

Desenvolver pesquisa social em tempos de pandemia, de fato, não se coloca como tarefa fácil. Percebo, em conversas com colegas e alunos, o quanto as Ciências Sociais e Humanas sentiram-se desafiadas ao longo deste último ano. As relações sociais foram impactadas e, por extensão e consequência, as disciplinas que se voltam para elas acabaram por ter que se redimensionar, adequando-se aos novos tempos, lançando mão de outros recursos e suportes metodológicos, utilizando-se ostensivamente da tecnologia para o estabelecimento de contato, rompimento de barreiras, aproximação aos sujeitos, em um momento em que isolamento e o distanciamento colocaram-se na ordem do dia. Em relação ao papel da tecnologia na pesquisa social, reporto-me novamente a Deslandes e Coutinho, que afirmam:

Essa mudança de paradigma em relação ao papel da tecnologia nas pesquisas sociais tem como principal desdobramento prático a tomada de consciência, por parte do pesquisador, de que a tecnologia tem esse duplo caráter: se por um lado ela é o lócus privilegiado onde os interlocutores desenvolvem suas interações, por outro ela auxilia na extração, mensuração e análise dos dados. Assim, todas as etapas da pesquisa serão mediadas pelo mundo digital, desde sua análise exploratória de reconhecimento do campo até a escrita do texto final, e neste percurso haverá pouca distinção entre o offline e o on-line. (2020, p. 4).

A alternativa que vislumbrei para me aproximar daqueles(as) que fazem parte da minha “rede” e desvendar os dilemas que a eles(as) se impunham naquele momento foi o questionário on-line, tendo clareza de que, como qualquer outro instrumento de pesquisa, possui vantagens e desvantagens, possibilidades e limites. Ele foi elaborado na plataforma Google Forms, o *link* disponibilizado através do Facebook, ficando acessível entre os dias 10 e 30 de setembro de 2020. Os respondentes não precisariam se identificar e foram devidamente informados sobre o uso que seria feito do material conseguido. No total, obtive 94 respostas, de um universo de cerca de 541 “amigos” e “amigas”.

Além das questões que visavam traçar um perfil dos respondentes e conhecer um pouco de suas rotinas e das novas demandas e expectativas colocadas (ou anuladas) diante/pela pandemia, inseri no questionário duas perguntas que tinham “memes” como possíveis respostas, tendo em vista a percepção de que, em muitas ocasiões, eles assumiram um potencial de expressão das novas dinâmicas impostas

pelo Coronavírus. Parece uma ironia pensarmos que, ao surgirem, os “memes” sobre a pandemia acabaram assumindo um caráter viral, muitas vezes pandêmico, transmutando nossas dores e aflições em elementos risíveis, como se isso fosse capaz de expurgar todos os demônios que insistiam em nos confrontar.²

Figura 1 - A “memificação” da pandemia.



Fonte: Facebook.

Uma fala trazida por Fernando Pessoa (2015) em “A Hora do Diabo” pareceu-me pertinente para sintetizar o sentimento da “humanidade” em relação ao Coronavírus: “sua presença neste universo é a de quem não foi convidado”. Alçado à categoria de demônio implacável e invisível, ele não somente impinge diferentes ataques aos nossos corpos, ao ambiente, aos nossos projetos de vida, como nos leva à busca e à adoção de práticas ritualísticas que, aqui, de forma metafórica, analisarei como estratégias de exorcismo.

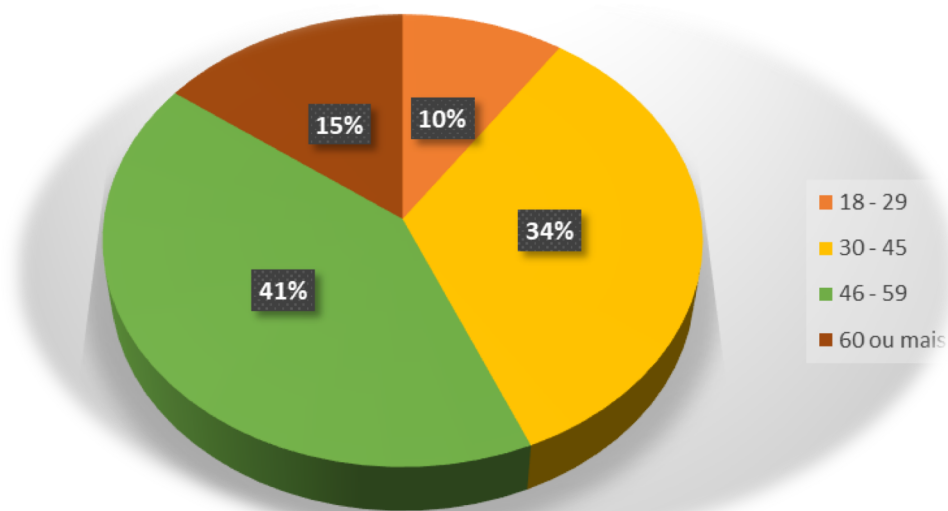
²Vale ressaltar que os “memes”, esse fenômeno da internet que se refere ao desfile de imagens, frases, *gifs*, vídeos ou qualquer outra forma de conteúdo que viraliza pelas redes sociais, *sites*, *e-mails* e aplicativos de mensagens, não apareceram apresentando a mesma conotação que possuem hoje. A origem do termo antecede à era da internet, tendo sido criado em 1976 pelo biólogo Richard Dawkins (2007, p. 330), que considerava o “meme” como equivalente cultural do gene, sendo a unidade básica de transmissão cultural que se dá por meio da imitação.

1. Construindo um perfil para além do perfil!

Embora o Facebook tenha incentivado seus usuários a produzirem seus próprios avatares, não foi a eles que recorri para conhecer com mais profundidade as características dos sujeitos pesquisados. Tampouco agi como *stalker* em busca de informações disponibilizadas em seus perfis na citada rede que, em geral, são pouco reveladores, seja em nome da manutenção da privacidade, seja em nome da preocupação com o “olhar do outro”.

Ao disponibilizar o questionário on-line, deixei claro que gostaria de ter como participantes da pesquisa somente pessoas com mais de 18 anos. Tal escolha não foi por desconsiderar o impacto da pandemia também sobre crianças e adolescentes, mas por acreditar que envolver tais segmentos talvez pudesse gerar situações conflituosas entre eles e seus pais/responsáveis, o que exigiria maior/melhor esclarecimento em relação a alguns temas tratados no instrumento de investigação e poderia trazer dilemas éticos que eu não conseguiria resolver, considerando o caráter da pesquisa.

Gráfico 1 - Faixa etária dos respondentes.



Fonte: Autora (2021).

Não me impressiona o fato de que o grupo que mais respondeu tenha sido aquele que se encontra na mesma faixa etária que eu – entre 46-59 anos, o que é compreensível, pois no meu perfil este é o segmento predominante. Chamou-me a atenção a baixa adesão de pessoas com idades entre 18-29 anos, que figuram em número significativo no grupo com quem mantenho amizade, principalmente alunos e ex-alunos. Estariam os jovens pouco dispostos a “refletir” sobre a pandemia, a falar sobre ela? Pergunta que permanecerá aqui sem resposta. Estranho é perceber que, em termos percentuais, ficaram atrás até dos idosos, que costumam ser mais refratários ou a ter mais dificuldades quanto à utilização das redes sociais e da tecnologia, sendo taxados, muitas vezes, de “analfabetos digitais”. Contudo, tal realidade talvez venha se alterando ao longo de um período tão atípico, incentivando-os à busca de atualização em relação aos meios informacionais. É fato que a pandemia provocou o distanciamento de seus entes queridos, sendo as redes sociais e os aplicativos de mensagens e comunicação os recursos utilizados para “matar a saudade”, estar mais perto dos filhos, netos e amigos – realidade que pude constatar dentro da minha própria casa ao observar o comportamento da minha mãe, que fez do *smartphone* e de seus aplicativos importantes aliados para interagir com parentes e colegas.

Quanto ao sexo, as mulheres mostraram-se mais disponíveis para responder à pesquisa, o que não indica necessariamente que tiveram mais tempo que os homens para dedicarem-se a tal empreitada. Embora elas estejam presentes em maioria no meu rol de amigas (414 mulheres, representando 76%, versus 127 homens, representando 24%), em termos proporcionais foram as que, igualmente, mais se envolveram com a pesquisa. Foram 78 mulheres respondentes - 14,41% do total de amigos e 18,84% das amigas mulheres, contra 15 homens - 2,77% do total de amigos e 11,81% dos amigos homens.

As respostas das minhas amigas, vistas na sua globalidade, deixaram bem claro que não dispunham de muito tempo livre, mas que, apesar da sobrecarga de trabalho, abriram um espaço na “agenda” para responderem ao questionário. Pelo que pude constatar, foram elas as mais afetadas pela pandemia, já que abarcaram grande parte das tarefas domésticas praticamente sozinhas. Muitas das inquiridas, também mães, assumiram o acompanhamento das crianças nas aulas on-line, além de terem que dar

conta das atribuições derivadas de suas próprias atividades profissionais, seja quando as mantiveram presencialmente, seja quando partiram para o *home office*. 24 horas tornaram-se, de certo modo, insuficientes para tantas demandas e responsabilidades. Para várias “amigas” presentes na minha rede social, a experiência do trabalho em casa, provocada pela pandemia, quebrou o encanto daquilo que era sonhado por muitas, ou visto como uma grande vantagem: ter a possibilidade de contar com um horário mais flexível e, ao mesmo tempo, poder participar mais da criação dos filhos. A realidade mostrou-se bem diferente da expectativa, dada a dificuldade de gerenciamento do tempo, levando-as ao sentimento de impotência e à exaustão física e mental, a exemplo do que é sustentado por Sampaio:

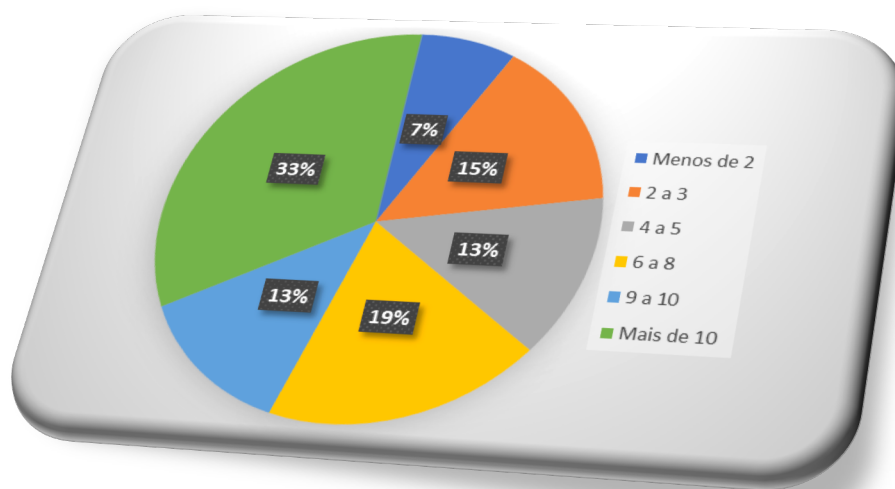
Ao fim da peça, ao apagar das luzes, com realidade posta, a mulher, e só ela, sabe da impossibilidade de ser uma Argonauta. Outros podem inferir, estudar, mas a dor é dela. Ainda que negue, que siga equilibrista por sendas, toda prosa e sorridente, sentir que o superpoder não existe, que é uma representação impositiva, causa angústia, desespero, desamparo e culpa. (SAMPAIO, 2020, p. 305).

Um dado importante em relação ao perfil dos respondentes refere-se ao fato de 68% deles estarem cursando ou já terem concluído um ou mais cursos de pós-graduação, 27% cursarem ou já terem finalizado algum curso superior e apenas 4,2% terem apenas o ensino médio. Olhados sozinhos, tais percentuais talvez não indiquem muita coisa, além de serem compatíveis com o que poderia se esperar de pessoas que fazem parte do “círculo de amigos” de alguém que possui perfil muito próximo ao daqueles que predominaram na pesquisa. Porém, se tais informações forem cruzadas com algumas extraídas de outros itens do questionário, elas serão capazes de nos dizer muito do que tornou a vivência da pandemia uma situação diferenciada (e talvez “privilegiada”) para estes segmentos, revelando algumas desigualdades, que teimam em se reproduzir no contexto social brasileiro.

50% dos inquiridos mantiveram seus vínculos empregatícios – muitos deles funcionários públicos que, presencialmente ou em *home office*, garantiram seus salários integrais, situação que em um momento marcado por grande instabilidade na economia soa como um alívio, uma preocupação a menos. Alteração nos rendimentos também não foi sentida pelos 18% que já se encontram aposentados. Drama maior tem sido vivido pelos que, como autônomos ou informais (6,38%),

tiveram suas atividades afetadas ao longo de 2020, bem como pelos desempregados (9,57%), que demonstraram sentimentos de incerteza e medo diante do porvir e total incapacidade de gerir o presente. Entre o restante (bolsistas e autônomos que afirmaram não terem sido, ainda, impactados pela conjuntura), foi possível constatar uma dificuldade de fazer planos e uma angústia recorrente, devido à imprevisibilidade que se apresenta quando o assunto é o futuro. Ficou patente, todavia, que a vivência da pandemia como um momento dramático, prenhe de incertezas, apareceu entre a maioria dos inquiridos, inclusive entre os mais “afortunados” - aqueles que gozam da segurança gerada pelo salário, pelos proventos da aposentadoria ou pelo emprego estável. E sobre isso, vale destacar que a renda familiar dos que responderam ao questionário é bastante alta, considerando que mais de 50% dos brasileiros, em 2020 e segundo dados do IBGE, viviam com um salário mínimo ou menos (índice que, certamente, teve uma piora em razão da pandemia).

Gráfico 2 - Renda familiar dos respondentes, em salários mínimos.



Fonte: Autora (2021).

2. Sobre o ataque demoníaco...

Em um outro texto/artigo que escrevi (MAIA, 2020b), ainda no primeiro trimestre da pandemia, ressalté a potencialização do papel de abrigo assumido pela casa diante desta realidade tão particular. Sobretudo no início da crise sanitária global, o “confinamento” (ou distanciamento) foi levado mais a sério e, em casa,

colocávamo-nos em uma condição de quase apartação em relação ao mundo exterior. A rua, os espaços públicos, os estabelecimentos comerciais, os transportes coletivos e as escolas sofreram um brusco esvaziamento, em que cada um (que podia, obviamente), buscava proteger-se do vilão invisível, este Diabo extremamente perigoso e mortal ou, como sugeri no referido texto, daquele “inimigo cujas trancas, câmeras de segurança, cercas eletrificadas, guaritas ou quaisquer outros mecanismos não são capazes de evitar” (MAIA, 2020b, 115). Nosso medo era tão grande que, em certa medida, criamos ser possível transformar a casa em um verdadeiro *bunker* ou, talvez, em uma bolha asséptica, refratária à possessão pelo Coronavírus. Ele, contudo, mostrou-se implacável e, vencendo as barreiras físicas estabelecidas por portas e paredes, adentrou nossas vidas e nos atacou de diversas formas, submetendo-nos a toda sorte de sofrimento.

Na doutrina católica, segundo Sartin (2016, pp. 449-50), o ataque demoníaco pode se dar por meio da **vexação**, que é o momento em que o demônio causa feridas na saúde, nos bens, no trabalho e na vida afetiva da pessoa; pela **obsessão**, através da qual ele produz pensamentos repetitivos e destrutivos, deixando a pessoa prostrada, desesperada e, até mesmo, tentada ao suicídio; pela **possessão**, que, sendo o nível mais intenso da subalternização demoníaca, o indivíduo perde o controle do seu corpo sendo invadido pela alma das trevas, que fala e age por ele; e, por fim, através da **infestação**, que se configura como a fase na qual a ação diabólica se estende sobre as casas, os objetos e os animais da pessoa. Livrar a pessoa destes males exige o recurso ao exorcismo que, na qualidade de ritual de expurgação, “é o meio através do qual a sua presença [do Diabo] é designada, nomeada, assinalada” (SARTIN, 2016, p. 451).

Vale ressaltar que tanto o exorcismo quanto as diferentes expressões do ataque demoníaco aqui referidos não devem ser tomados de modo literal, em uma associação direta à tradição católica, mas penso que, enquanto metáforas, tais referências podem soar como interessantes. Cabe aqui abrir parênteses para dizer, a exemplo do sugerido por Lakoff e Johnson, que:

A metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

Assim, na qualidade de metáforas, é possível pensarmos os vários ataques que nos têm sido impingidos pelo Coronavírus (aqui elevado à categoria de demônio) como submissão ao sofrimento. E é sobre cada um deles que trataremos nas subseções a seguir.

2.1. Vexação

Entre aqueles que responderam ao questionário, a vexação foi o tipo de ataque mais mencionado, tendo sido percebida nos mais diferentes campos da vida. Daí, no presente artigo, ser ela a mais detalhada. Ficou evidente que o Diabo tem afetado seus corpos, comprometido sua saúde (tanto física, quanto mental), provocado danos irreparáveis nas suas atividades laborativas, na vida afetiva e relações familiares e de amizade, assim como nos seus projetos.

À exceção dos aposentados - 18%, como já informado anteriormente -, todos os demais sofreram algum tipo de impacto na dimensão do trabalho, seja em decorrência da alteração no modo de trabalhar (tendo a maioria passado a desenvolver suas atividades laborativas de casa, em regime remoto e/ou *home office*, para as quais não estavam preparados ou dispunham de condições ideais em seus domicílios), seja perdendo clientela, reduzindo ganhos/salários (autônomos ou “biscateiros”), seja sequer vendo perspectiva de ingresso ou retorno ao mercado formal de trabalho (situações vivenciadas, especialmente, pelos mais jovens, no primeiro caso, ou desempregados/informais, no outro).

No campo da vexação também se colocam todas as formas de evitação em relação ao outro que tiveram que desenvolver durante a pandemia, sendo as mais citadas aquelas que afastaram os filhos dos pais idosos, amigos, namorados, relações marcadas por beijos e abraços, que se tornaram práticas interdidas. Dentre os respondentes, 82% relataram que mantiveram total distanciamento social, criando estratégias de afastamento, inclusive dentro da própria casa, com aqueles com quem conviviam. Somente cinco entrevistados (5,3%) afirmaram continuar levando uma

vida normal, sem qualquer preocupação com o contexto pandêmico. Quanto aos demais, o distanciamento só foi rompido em situações excepcionais, em geral ligadas às demandas de trabalho, idas eventuais à farmácia, ao supermercado, ao banco, às consultas médicas, ou para responder à alguma necessidade apresentada por um familiar mais idoso ou com comorbidades, visando preservá-lo da circulação pelo espaço público, devido à sua maior vulnerabilidade.

Como forma de compensação do distanciamento, o acesso às redes sociais colocou-se como estratégia e, nesse contexto, os diversos usos que os respondentes fizeram delas confluem com o descrito por Cardoso e Lamy, que sugerem que elas se constituem a partir de:

Uma divisão possível em actividades de fortalecimento de laços sociais para com amigos e conhecidos (Mensagens, *Chats*, Alertas de Aniversários, Escrita na Parede), gestão de capital social (Procura de Amigos, Envio de Presentes, Jogos, Criação de grupos) entretenimento (*Quizzes* e Testes), expressão identitária (Colocação de Vídeos) e intervenção social (Apoio a Causas). (CARDOSO; LAMY, 2011, p. 79).

Através das redes sociais, durante a pandemia, tem sido possível amenizar a saudade, mas não a exorcizar por completo, dada a necessidade de manutenção do distanciamento social (sobretudo em respeito aos mais vulneráveis, como idosos e doentes crônicos). WhatsApp (76,3%), Facebook (63%), Instagram (52,1%), Zoom (44,7%), Google Meeting (44,7%) e Skype (9,6%) foram as plataformas/aplicativos mais mencionadas pelos inquiridos. Importante ressaltar que o maior destaque foi atribuído aos que permitem fazer reuniões, favorecendo, inclusive, que várias pessoas de uma mesma família ou grupos de amigos, bem como colegas de trabalho possam interagir, realizar festinhas e *happy hour*, tentando manter uma vida social ativa, na qual cada um permanece protegido dentro do seu próprio quadrado.

Muitas reuniões de trabalho, atividades escolares/acadêmicas migraram para este novo contexto – e, nestes casos, os encontros e as trocas assumiram uma função utilitária e compulsória, para além da dimensão afetiva, como verificado nas situações anteriores – e, por conseguinte, não foram encaradas com a mesma positividade observada nas interações realizadas entre familiares e amigos. Ao contrário, foram tratadas como um fardo.

Ainda no âmbito da vexação, o Coronavírus impôs a 45% dos respondentes algum tipo de conflito no contexto doméstico (ou vários deles, concomitantemente). O

mais mencionado foi aquele referente à distribuição das tarefas de casa (26,6%). As mulheres foram as que mais relataram essa situação. Apesar de todas as conquistas alcançadas por elas para além do espaço privado (como seu ingresso no mercado de trabalho e seu protagonismo político), a dimensão do cuidado, como já referi anteriormente, ainda lhe é imputada, quase que com exclusividade - seja em relação à casa, aos filhos, ao marido, ou aos pais³. Segundo Melo *et. al.*:

Essa mudança no papel feminino ao longo destas últimas décadas não teve como contrapartida uma transformação no papel masculino. Porque, na verdade, os papéis de cada ator social são desempenhados em interação com o outro, relação de troca e reciprocidade: se um muda, o outro tem que mudar. O papel feminino mudou sem que o papel masculino fosse fundamentalmente tocado. (MELO; *et al.*, 2007, 437)

Daí a razão principal dos dissensos, já que a maioria dos homens, quando muito, demonstraram-se dispostos a “ajudar”, e não a compartilhar. E isso, pelo que pude observar, fez uma enorme diferença na vida das minhas amigas do Facebook, já que as atividades ligadas ao cuidado somente foram realizadas pelos maridos e companheiros quando não chegaram a atrapalhar aquelas entendidas por eles como de sua competência. O pior é que, em várias situações, as crianças e os jovens acabaram por reproduzir comportamentos semelhantes e, da mesma maneira que os homens adultos, resistiram em “fazer a sua parte”. Nem o fato de todos estarem ali confinados, na experiência da “quarentena”, foi capaz de atribuir a visibilidade merecida ao trabalho doméstico, que impõe às mulheres horas a fio de dedicação, sem que tenham como contrapartida uma justa medida de seu valor no que toca à esfera da reprodução social. A seguir, dois “memes” que circularam na internet, naquele momento, bastante representativos desta situação.

³Em relação a essas e outras expressões das relações desiguais estabelecidas entre homens e mulheres, vale dizer que elas não se verificam só no Brasil. Os dados revelados pelo “Relatório de 2021 sobre a igualdade de gênero na UE”, publicado pela Comissão Europeia, é ilustrativo da questão, evidenciando um maior envolvimento das mulheres em atividades ligadas à saúde e à assistência social - 76% (logo, mais vulneráveis à contaminação pelo vírus e ao esgotamento físico e mental). Foram elas as que mais sofreram com o desemprego e que não conseguiram operar em *home office*, justamente por trabalharem em lojas, hospitais e cuidados de saúde. Para as mulheres, o trabalho doméstico consumiu grande parte dos seus dias, levando-as a gastarem, em média, 62 horas semanais no atendimento às crianças (contra 36 horas para os homens), ao passo que o cuidado com a casa lhes tomou 23 horas (contra 15 horas para os homens). Para mais detalhes, consultar: [≤https://ec.europa.eu/info/files/2021-report-on-gender-equality-in-the-eu_en>](https://ec.europa.eu/info/files/2021-report-on-gender-equality-in-the-eu_en). Acesso em: set. 2021.

Figuras 2 e 3 - “Memes” sobre trabalho em casa.



Fonte: Facebook (2021).

Esta discussão acerca do trabalho doméstico liga-se intimamente a uma outra dificuldade apontada por 20,2% dos inquiridos, que se refere à compatibilização entre atividades profissionais com atividades domésticas. Sobre isto, afirmam Mendes *et al.*:

A relação entre trabalho e rotina familiar é uma questão central para o *home office*. A percepção de atratividade do trabalho domiciliar costuma ter inicialmente maior impacto sobre indivíduos casados e com filhos, por acreditarem que terão mais tempo com a família ao economizar com o deslocamento até o posto de trabalho. Todavia, a proximidade com a família não significa que a pessoa conseguirá estar disponível e cuidar dos filhos a todo momento (TREMBLAY, 2002). A percepção sobre o equilíbrio entre tempo de trabalho e tempo livre ou familiar dependerá do tamanho da família e da habitação, do estilo de vida da família e da relação entre seus membros (BARROS; SILVA, 2010). De modo geral, o apoio e compreensão da família acerca da realidade de trabalho no domicílio, bem como o estabelecimento de limites entre as distintas rotinas (pessoal e profissional), são essenciais para que o ambiente seja saudável e equilibrado para ao trabalho (RAFALSKI; DE ANDRADE, 2015). (MENDES *et al.*, 2020, p. 168).

Os paradoxos que permeiam o *home office* – ou o trabalho remoto – parecem-me esclarecedores para a compreensão dos dramas vividos pelos inquiridos, sobretudo quando relacionamos a eles outras questões (ou conflitos) também relatadas (os), como a disputa por equipamentos entre os membros da família – adultos e crianças (e no contexto da pandemia, até os idosos) –, em um momento em que os

computadores, *smartphones*, *tablets*, tornaram-se fundamentais à conexão com o mundo exterior (seja para trabalho, compras, lazer, comunicação com amigos, jogos etc.); a falta de privacidade (levando a situações inusitadas, interferências familiares durante reuniões de trabalho, intromissão de olhares externos sobre o contexto doméstico – o que, para alguns, pode gerar desconforto).

Figura 4: - “Meme” sobre as “novas” formas de conexão com o mundo exterior.



Fonte: Facebook (2021).

Figuras 5 e 6 - “Memes” sobre conflitos durante a pandemia.



Fonte: Facebook (2021).

O impacto que as redes sociais tiveram na vida das pessoas é sentido quando mencionaram o número de horas que se mantiveram conectados. Dentre os respondentes, somente cerca de 25% disseram passar menos de uma hora “plugados”; 26,6%, de uma a duas horas; 18,1%, de duas a quatro horas; 28,8% mais de quatro horas, alguns chegaram a mencionar que ficam conectados durante todo o dia. As redes sociais tornaram-se, para muitos, uma das principais “janelas para o mundo”⁴ – nem sempre a mais segura –, já que, como bem sabemos, tanto podem conectar como podem provocar dissensos; podem informar, mas podem disseminar *fake news*; podem distrair ou, ao contrário, levar à dependência e à depressão. Este papel contraditório assumido pelas redes sociais e potencializado durante a pandemia é analisado pela pesquisadora Suely Deslandes, do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ:

Em primeiro lugar, o uso intensivo da internet pode gerar uma adição, um uso compulsivo, definindo uma dependência e centralidade do uso da internet em relação a qualquer outra ação cotidiana. A participação intensiva nas redes sociais também pode gerar um “excesso” de informação ou, em muitos casos, desinformação sobre a pandemia. O excesso de informação pode gerar ansiedade e a difusão da noção de um “medo global”, com ênfase no número de mortes e previsões das curvas de contágio. Por outro lado, a depender das redes a que se está vinculado, as redes sociais podem prover um conjunto de *fake news*, que descredibilizam a ciência, o conhecimento epidemiológico e as orientações sanitárias. No caso de crianças e adolescentes, o uso intensivo também pode aumentar as chances de sofrer e praticar violências na ambiência digital. (DESLANDES, 2021).

A suspensão e/ou o adiamento de projetos também foram mencionados de forma muito enfática e recorrente por parte dos(as) respondentes. Em uma das questões abertas apresentadas no questionário, muitos foram enfáticos ao expressar o desejo de retomá-los o quanto antes, tão logo as condições sanitárias permitam. Dentre os desejos/projetos mais mencionados, voltar a viajar foi aquele que obteve o maior número de menções. Se o associarmos a outros desejos como “voltar a ser livre”, “poder ir para a rua sem medo”, “passear pela cidade”, torna-se patente o quanto a pandemia

⁴Utilizo, mais uma vez, de uma metáfora ao me referir às redes sociais como janelas para o mundo. Compreendo, a bem da verdade, que elas, assim como outros “recursos” de comunicação, constituem fontes de mudança, valores, atitudes, formas de encarar o mundo, ideologias, olhares sobre o “outro”, mundos e futuros possíveis, a exemplo do que é sugerido por Cardoso e Lamy (2011, p. 74), tendo esta dimensão mais ampla ficado bastante evidente durante a pandemia.

alterou nossas referências espaço-temporais, o quanto constrangeu nossa mobilidade, quantas interdições impôs à nossa liberdade de ir e vir, quantas novas fronteiras (re)criou. O vírus foi capaz de colocar todos em uma situação tal de imobilidade, independentemente de classe social, em um contexto em que, segundo Bauman, “a mobilidade galga ao mais alto nível dentre os valores cobiçados – e a liberdade de movimentos, uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos” (BAUMAN, 1999, p. 8). Tivemos que nos recolher à localidade. O “*stay home*” tornou-se, de certo modo, privilégio para aqueles, cujos limites de contato com o “exterior” passaram a ser as paredes, portas e janelas, e não mais os órgãos de controle migratório ou as aduanas, já que muitas fronteiras foram fechadas para evitar a circulação do vírus.

Figuras 7, 8 e 9 – Memes sobre projetos e mobilidade.



Fonte: Facebook (2021).

Os mais expostos ao risco de contágio foram aqueles que, por força de suas atividades laborativas, continuaram a se movimentar pela cidade (entregadores, caminhoneiros, motoristas de ônibus, de transportes por aplicativos, profissionais de limpeza urbana, comerciários etc.), mantendo a roda da economia a girar, e, principalmente, os que estiveram na linha de frente de combate ao Coronavírus. A todos foi “concedido” o direito (ou imposto o dever) à mobilidade e, por gratidão ou cinismo dos que puderam se resguardar, foram alçados à categoria de “heróis da pandemia” – ainda que antes deste contexto nem todos tivessem seu valor devidamente reconhecido.

2.2. Obsessão

A obsessão – aqui tratada como o outro ataque feito pelo “Diabo invisível” –, foi igualmente experimentada pelos respondentes. Pensamentos repetitivos, negativos e o medo frequente de contágio pelo vírus e da morte, em função de complicações provocadas por ele, decorreram, segundo as respostas obtidas, de situações vistas como capazes de deixar a pessoa diante de maior vulnerabilidade. Neste sentido, a não utilização ou o uso inadequado de máscaras pelas pessoas nos espaços públicos foi encarada por 31,9% dos respondentes como motivo de pavor, seguida pela falta de vigilância por parte do Poder Público, de modo a fazer valer as medidas de combate ao Coronavírus (23,4%), a superlotação dos transportes públicos (12,8%), existência de pontos de aglomeração no bairro (12,8%), além de outros de menor relevância (como uso de elevador, circulação de estrangeiros pelo país etc.). Alguns “memes” circularam no Facebook, deixando claro este poder obsessivo do Coronavírus:

Figuras 10 e 11 – “Memes” sobre situações de exposição ao vírus.



Fonte: Facebook (2021).

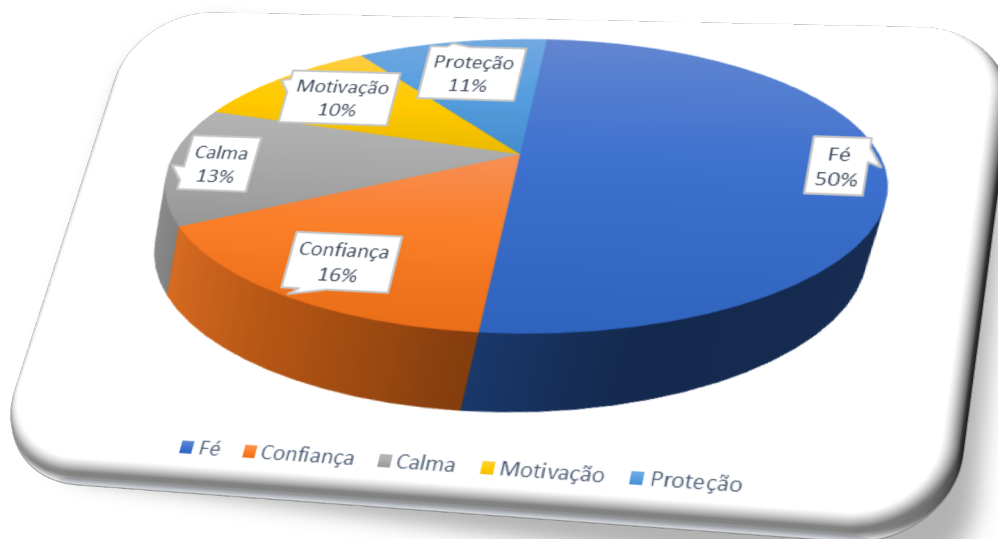
Especialmente em se tratando das máscaras, o relevo por elas assumido nas respostas dadas pelos(as) inquiridos(as) deve-se ao que, em um outro artigo, em coautoria, discutimos. No contexto da pandemia, elas tornaram-se vestimentas requeridas e compulsórias, redimensionando o próprio vestir que, tal como propõem Thieme e Eicher (1987), abrange:

Forma material, ato de vestir e significado sociocultural. Como forma material tem-se a própria máscara, seu uso e sua manipulação intencional relacionados à saúde pública; o ato de vestir nos conduz à produção e à obtenção das máscaras e ainda aos limites estabelecidos pelos governos, de diferentes esferas, à ausência de seu uso nos espaços públicos e coletivos; já o significado sociocultural se reflete na máscara como variável indicadora da posição do indivíduo na sociedade no tocante à sua possibilidade de aquisição deste artefato, ou ainda no modo como os sujeitos encaram a pandemia. (MAIA; MAIA, 2020, pp. 40-41).

Para aqueles que seguem as orientações oriundas das agências de saúde e/ou entidades científicas, manter-se diante de uma pessoa sem máscara pode significar estar suscetível ao contágio. Em muitas situações, este outro é visto como possível vetor da doença ou, nos termos que aqui sigo tratando, alguém cujo demônio já se apropriou do corpo, desejando estender seu domínio a outros indivíduos. Daí o medo ter se tornado um pensamento recorrente nesses tempos.

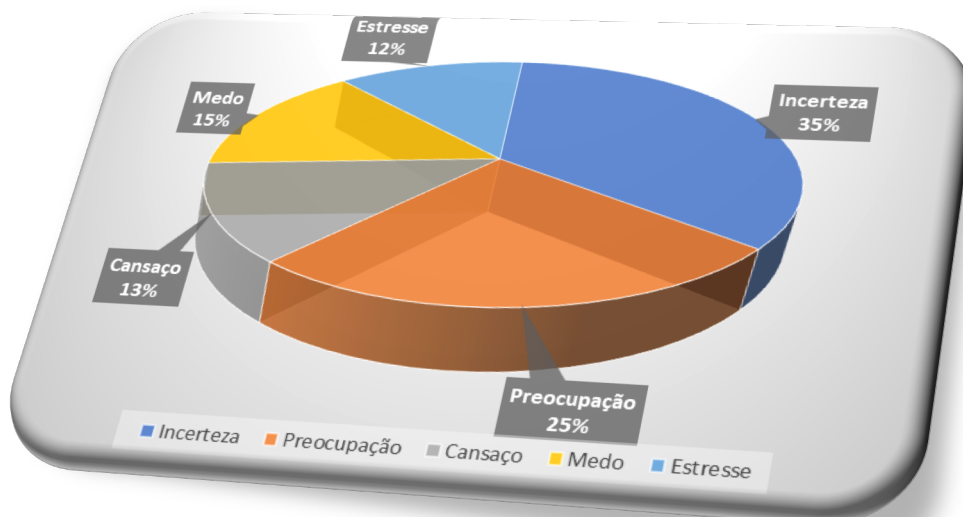
Mas ele – o medo–, não foi o único pensamento negativo e repetitivo surgido na pandemia. Indagados sobre a percepção a respeito do momento atual, dominou a sensação de enorme suscetibilidade a que o vírus submeteu toda a humanidade, afetando vários campos da vida (seja individual ou social). Os gráficos abaixo apresentam a frequência destes sentimentos, sendo que os respondentes puderam expressar até três, escolhidos de uma lista de 18, onde figuravam, dispostos de forma aleatória, aqueles supostamente “positivos” e “negativos”. Aqui, estarão representados os cinco mais referidos, em cada categoria:

Gráfico 3 – Sentimentos/sensações positivos surgidos durante a pandemia.



Fonte: Autora (2021).

Gráfico 4 – Sentimentos/sensações negativos surgidos durante a pandemia



Fonte: Autora (2021).

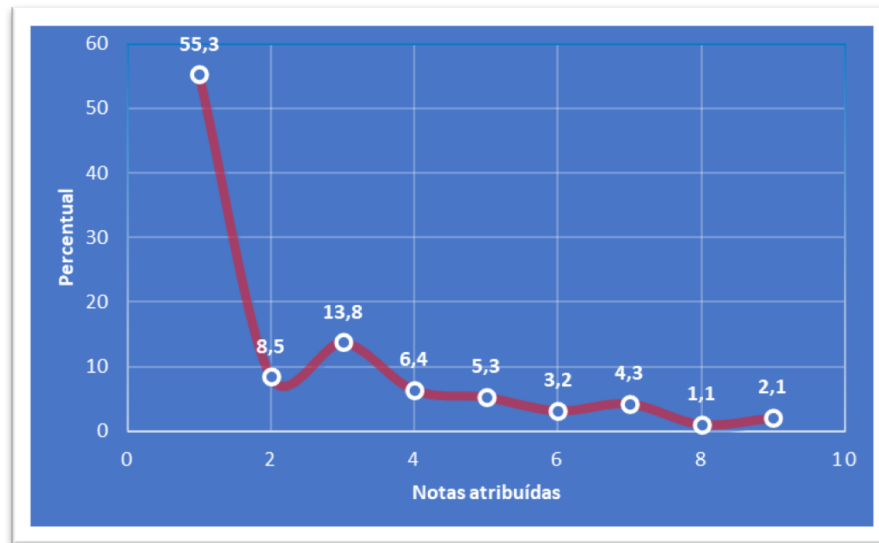
É notório que os sentimentos/sensações negativos, frutos do poder obsessivo assumido pelo Coronavírus, imobiliza cada um de nós, lança-nos em um mundo de incertezas quanto ao futuro. Bauman não viveu a experiência desta pandemia, mas

em sua obra “Medo Líquido” apresenta pistas para o entendimento de muitas das reações que temos frente a toda sorte de ameaças e constrangimentos a que ela nos impõe, colocando-nos em uma situação de impotência diante do Diabo, que nos parece onipresente e mortal:

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço, nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito - do que pode e do que não pode - para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. (BAUMAN, 2008, p. 8).

Estes sentimentos são potencializados, segundo os respondentes, em razão, principalmente, da novidade de viverem tal situação, do pouco conhecimento que ainda se tem em relação ao comportamento do vírus e das formas de combatê-lo de maneira eficaz e, principalmente, da atitude daqueles que deveriam afinar seus discursos e práticas às orientações emanadas da Ciência, mas que teimam em manter uma postura negacionista. Daí não serem surpreendentes os números resultantes da pergunta referente à avaliação da atuação dos governantes quanto ao enfrentamento do novo Coronavírus, conforme apresentado no gráfico abaixo, ficando evidenciada a insatisfação dos respondentes, em que mais de 50% a consideram sofrível, atribuindo nota 1. No outro extremo, não há ninguém que esteja plenamente satisfeito com as ações dos gestores e políticos, sobretudo em relação à atuação do Governo Federal, que teima em contradizer as evidências científicas e as orientações da Organização Mundial da Saúde. Muitos “memes” e *charges*, desde então, vêm sendo veiculados nas redes sociais, sendo um de seus principais alvos/protagonistas Jair Bolsonaro, nosso atual Presidente da República.

Gráfico 5 – Avaliação quanto à atuação dos governantes no enfrentamento da pandemia – Notas de 0 a 10 (em %).



Fonte: Autora (2021).

Figuras 12 e 13 – Memes sobre a postura dos governantes em relação à pandemia.



Fonte: Facebook (2021).

2.3 Possessão

O coronavírus tem (des)controlado nossos corpos, mortificado-os. A possessão – uma outra dimensão de ataque atribuída ao Diabo –, também foi experimentada por grande parte dos inquiridos. Somente 3,2% afirmaram não ter sofrido qualquer forma de alteração/transtorno na sua saúde ou nos seus hábitos cotidianos que possam

comprometê-la. Além da preocupação excessiva com a higiene pessoal – o que, pelos relatos/postagens feitos por alguns em seus perfis no Facebook, associados ao percentual de respostas ao questionário (62%), quase se assemelha ao TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) –, as alterações no sono (55,5%), de peso (52,1%) e de hábitos alimentares (36,2%), além do sedentarismo (36%) e do envolvimento excessivo com atividades domésticas (40,4%) soaram aos inquiridos como marcas da pandemia, levando a algum nível de comprometimento dos estados de saúde física e/ou mental.

Embora a Covid-19, até a época de aplicação do questionário, supostamente não tivesse acometido 83% dos que se dispuseram a responder ao questionário (se tiveram, não chegaram a manifestar sintomas e também não se submeteram a qualquer tipo de teste), é fato que a possessão atribuída ao Coronavírus transcende a doença que lhe é associada diretamente: a balança está aí para demonstrar que muitos ganharam peso durante a pandemia, cresceram as fobias (pânico e agorafobia), os transtornos de ansiedade, a depressão, o uso abusivo de álcool – doenças do corpo e da “alma” que paralisam, mortificam os sujeitos. Whitaker, de certo modo na contramão desta perspectiva, tece considerações importantes ao tratar especificamente sobre tudo o que nos impacta emocionalmente durante este período tão excepcional:

Na verdade, quando lemos artigos que patologizam as respostas emocionais à pandemia, ficamos tentados a pensar: não seria um pouco anormal não nos sentirmos ansiosos ou inquietos nesses tempos de incerteza? Portanto, talvez a pandemia esteja nos oferecendo um referendo muito necessário sobre a patologização – e a medicação – das reações humanas comuns. [...] Em suma, a pandemia pode nos ajudar a redescobrir que sofrer em resposta a ambientes difíceis apenas significa que somos humanos. (WHITAKER, 2020, p. 30).

Alguns “memes” que circularam na internet, assim como “emojis”⁵ que ganharam destaque ao longo de 2020, levam-me, de alguma forma, a considerar como pertinentes as reflexões feitas pelo citado autor. Nunca pude verificar, dentre os meus amigos de Facebook, tantas referências a imagens e pictogramas que remontavam à tristeza, ao pânico, à depressão, ao embotamento e à ansiedade, como ocorreu ao longo

⁵Sobre o destaque assumido pelos “emojis” ao longo da pandemia, consultar Maia (2020a).

do primeiro ano da pandemia. Em nenhum outro momento havia percebido tamanho uso de palavras como “surtado”, “estressado”, “deprimido”, “contaminado” e até “coronado”, antes deste período tão singular. É como se, de fato, o Diabo estivesse ali, manifestando-se como (des)controle dos corpos, provocando até males não passíveis de tratamento por via medicamentosa (quem sabe, por “exorcismo”!). Abaixo, alguns “memes” que circularam pelo Facebook durante o ano de 2020, inclusive nos perfis de alguns dos meus amigos:

Figuras 14 e 15: – “Memes” referentes à “possessão” dos corpos.



Fonte: Facebook (2020).

2.4 Infestação

A infestação, a última das formas de manifestação do poder demoníaco, tem gerado, desde o momento em que se reconheceu, no Brasil, o primeiro caso suspeito de contágio pelo Coronavírus, atitudes inusitadas (e jamais vislumbradas antes disto) em cada um de nós. A possibilidade de o Diabo fixar-se em superfícies, objetos, compras de supermercado, no ar que respiramos e, a partir deles, estender sobre nós seu poder devastador, levou-nos à adoção de uma série de medidas que, em determinadas circunstâncias, tornaram-se práticas ritualísticas.

Gráfico 6 – Medidas adotadas em casa para afastar o Coronavírus:



Fonte: Autora (2021).

Alguns comportamentos que adquirimos durante a pandemia são tratados pela OMS e por especialistas como “regras de ouro” para o seu enfrentamento, como o distanciamento social, a lavagem frequente das mãos, a utilização de álcool em gel e o uso de máscaras, já anunciados ao longo deste artigo. Outros, acabamos por incorporar durante o período pandêmico: a limpeza constante de superfícies; a higienização de produtos que chegam por *delivery* ou que são comprados nos supermercados, feiras, farmácias ou quaisquer estabelecimentos comerciais; a evitação de contato direto com entregadores e prestadores de serviços etc. Quando o saco de arroz, o cartão de crédito, nossos calçados, as mãos de pessoas queridas e até as nossas próprias podem se transformar em hospedeiros do Diabo, tornando-o ávido por adentrar nossos corpos, o “exorcismo doméstico”, como aqui o chamarei, apresenta-se como fundamental.

Figura 16 – Representação do “exorcismo doméstico”.



Fonte: Ilustração de Bárbara Maia (2021).

Considero importante frisar que as práticas derivadas das ameaças constantes a que o Diabo “Corona” nos submete tornaram-se ritualísticas e, enquanto tal, só podem ser entendidas se rompermos com perspectivas que polarizam duas maneiras de pensar e de viver, por vezes até irreconciliáveis: o racional e o lógico *versus* o não racional e o místico, como se fosse impensável a existência de nuances, havendo entre o preto e o branco muito mais que “cinquenta tons de cinza”. Além disso, só podemos considerar as práticas que passamos a desenvolver no ambiente doméstico como rituais, se estes forem extraídos do campo do sagrado, como muitos teimam em colocá-los como exclusividade. Os rituais existem em todas as sociedades e, de alguma forma, remetem a uma situação excepcional, a eventos especiais. Daí crer que o “exorcismo doméstico” direcionado ao Coronavírus possa assim ser tratado, em virtude da excepcionalidade do momento vivido por todos nós. Segundo Peirano, “quanto à natureza, os rituais podem ser profanos, religiosos, formais, informais, simples ou elaborados” (PEIRANO, 2003, p. 12). O que interessa, para que sejam tratados como tal, é que eles tenham uma forma específica, um certo grau de convencionalidade, de redundância, que combinem palavras e outras ações.

Aquilo que assumiu o caráter de ritual neste contexto da pandemia já era, de certo modo, presente no dia a dia, na sociedade, revelando suas representações e valores, mas foi ressaltado com a emergência do Coronavírus. É como se, neste contexto excepcional, estivéssemos, a todo instante, fazendo uma caricatura da nossa

própria vida através de práticas ritualizadas e, por intermédio delas, transmitindo conhecimentos, comunicando aos que nos cercam determinadas atitudes em relação ao combate ao vírus, revelando representações e valores em que acreditamos, ou no caso, em que temos sido orientados a dar maior relevo. Isto, em certa medida, corrobora com o que mencionam Silva *et al.*:

O ritual é uma forma de ação, sobretudo, maleável e criativa que, com conteúdos diversos, é utilizada para várias finalidades. Os elementos que entram no ritual já existem na sociedade, fazem parte de um repertório usual, mas são, então, reinventados. Se o ritual possui características marcantes de estereotipia, redundância, condensação e, às vezes, formalidade, esses são traços de eventos sociais em geral – no ritual eles apenas são reforçados. Rituais são, portanto, um tipo especial de evento, mas não qualitativamente diferente daqueles considerados usuais. (SILVA; *et al.*, 2009, p. 12).

No enfrentamento ao (pan)demônio, as regras de higiene ganharam destaque e alguns itens de limpeza tornaram-se fundamentais em nossas vidas. Nunca se produziu e consumiu tamanha quantidade de álcool 70 (seja líquido, ou em gel). Cloro e água sanitária, água e sabão tornaram-se os recursos utilizados no “exorcismo doméstico”, assumindo um lugar que, no ritual católico, a cruz costuma ter posição central. Engraçado pensar que, na nossa cultura, desde a mais tenra idade, somos orientados/ensinados a ter hábitos de higiene, como lavar as mãos antes de pegar em alimentos, depois do uso do banheiro, ao chegar da rua. Sempre soubemos que poderíamos, caso assim não agíssemos, contrair verminoses, ingerir bactérias, ter contato com vírus. Mas em tempo algum os cuidados com a higiene tornaram-se tão ritualísticos como agora. Em nenhuma outra ocasião tivemos a sensação de que algo, mesmo já tão presente no nosso cotidiano, assumisse uma condição tão excepcional (talvez até caricata) em função da forma como tem se imposto e sido tratado por cada um de nós.

Andando pelos corredores do meu prédio, vejo calçados diante de cada porta. Tirar os sapatos antes de entrar em casa já era uma prática comum em muitas sociedades, não só por uma questão de higiene (já que o hábito de limpar ou tirar os sapatos ao entrar em casa pode reduzir em até 85% a quantidade de toxinas, vírus e bactérias em um ambiente limpo e fechado), mas também por acreditarem que as más energias das ruas podem quebrar a harmonia do lar, visto como um lugar sagrado.

Para nós, este é um ritual que foi incorporado a partir da pandemia e, talvez, até permaneça para além dela.

Por consequência da introdução tão abrupta de certas práticas ao nosso cotidiano e, de certo modo, da dificuldade de lidarmos com o estresse e a pressão gerados por elas, o “exorcismo doméstico” também tem sido representado pela forma de “memes”. Alguns, que apareceram ao longo de 2020, trataram de forma irônica ou engraçada a forma como o demônio se apossou de nossas vidas, bem como os rituais repetidos várias vezes ao dia, levando-nos a confiar no poder do álcool, do cloro e do detergente, em associação à vassoura e ao vaporizador, como itens fundamentais de expurgação do “coisa ruim”.

Figuras 17, 18 e 19 – Rituais domésticos.



Fonte: Facebook (2020).

3. Não há como concluir, pois o Diabo continua à solta

Já se passou mais de um ano, desde o momento em que iniciei minhas reflexões e apliquei o questionário. E o Coronavírus segue nos assombrando. Assim como nos escritos sagrados, o Diabo vem se transmutando (não em serpentes), assumindo outras formas (variantes) e colocando novos desafios à Ciência, aos gestores, aos profissionais de saúde. Ele, enquanto ser astuto e persuasivo, induz maliciosamente diferentes segmentos sociais a fazerem a sua vontade, levando-os a aglomerarem, a negligenciarem as regras de ouro capazes de combatê-lo. Talvez para se fortalecer, transforma em seus porta-vozes aqueles que insistem em negá-lo ou minimizar o seu poder e, para nos enganar e nos enredar ainda mais nas suas artimanhas, fala através deles:

A verdade, porém, é que não existo, nem eu, nem outra coisa qualquer. Todo este universo e todos os outros universos, com seus Criadores e seus diversos Satãs, mais ou menos adestrados, são vácuos dentro de vácuo, nadas que giram, satélites, na órbita inútil de coisa alguma. (PESSOA, 2004, p. 55).

A onipresença do Diabo “Corona” em todos os países do mundo e a dificuldade de combatê-lo eficazmente – dadas as ondas recorrentes de seus ataques – têm provocado, por vezes, tanto a emergência de um sentimento apocalíptico, como se estivéssemos na iminência do “fim do mundo”, quanto a referência ao “darwinismo” e, neste sentido, sobreviverão os mais fortes. Em uma ou na outra situação é como se estivéssemos fadados ao fracasso, posto que alguns parecem optar por viver “como se não existisse amanhã”. Na contramão dessas tendências, há os que insistem em combater ou proteger-se do vírus, buscando exorcizá-lo de suas vidas. Por isso, alto e bom som, gritam aos quatro cantos o “*Vade retro, Corona!*”, torcendo para que todo este (pan)demônio não os atinja mortalmente.

Figura 20 – Representação do Diabo “Corona”.



Fonte: iStock Photo (2020).

Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br/vetor/personagem-do-v%C3%ADrus-angry-devil-corona-gm1219376919-356659723>>. Acesso em: set. 2020.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARDOSO, Gustavo; LAMY, Cláudia. *Redes sociais: comunicação e mudança*. In: *Observare*. Universidade Autónoma de Lisboa. 2011. 2 (1). pp. 73-96. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/13383/1/pt_vol2_n1_art6.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2021.

DAWKINS, R. *O Gene Egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DESLANDES, Suely; COUTINHO, Tiago. *Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas*. In: *Caderno de Saúde Pública* 36(11), 2020, pp. 1-11. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v36n11/1678-4464-csp-36-11-e00223120.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: EDUC / Mercado de Letras, 2002.

MAIA, Rosemere. *A “vitória” dos emojis: sobre a força dos pictogramas em tempos de distanciamento social 2020a*. PILLAR M. G, TONIOL, R. (Org.). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. Tribo da Ilha: Florianópolis. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/boletim/boletim_CS/livro_corona/Livro_Cientistas%20Sociais_eo_Coronavi%CC%81rus.pdf . Acesso em: 19 jun. 2021.

MAIA, Rosemere. *Feitiço do Espaço*. In: MOREIRA, Elaine; GOUVEIA, Rachel; GARCIA, Joana; ACOSTA, Luis; BOTELHO, Marcos; RODRIGUES, Mavi; KRENZINGER, Miriam; BRETTAS, Tatiana (Orgs.). *Em tempos de pandemia: propostas para defesa da vida e de*

direitos sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020b. pp. 112-118.

MAIA, Rosemere; MAIA, Carlos Eduardo S. *Cura ut Valeas!* Múltiplos usos e faces das máscaras em tempos de pandemia. In: Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 14, n. 2, ago/2020, pp. 29–50. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/63589/35276>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MELO, Hildete Pereira de; CONSIDERA, Claudio Monteiro; DI SABBATO, Alberto. *Os afazeres domésticos contam*. In: Economia e Sociedade. Campinas, 2007, 16 (3): pp. 435-454. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 fev. 2021.

MENDES, Diego; *et al.* *A realidade do trabalho home office na atipicidade pandêmica*. In: Revista Valore. 2020: 5. pp. 160-191. Disponível em: <<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/655/456>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PEIRANO, Marisa. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 60.

PESSOA, Fernando. *A hora do diabo*. Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.

SAMPAIO, Livia. *Mulheres brasileiras, isolamento e estado abusivo: sobreviveremos?* In: AUGUSTO, Cristiane Brandão e SANTOS, Rogerio Dultra dos (Organizadores). *Pandemias e pandemônio no Brasil*. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2020. pp. 301-308. Disponível em: <<http://www.unicap.br/catedradomhelder/wp-content/uploads/2020/05/Pandemias-e-pandemonio%CC%82nio-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

SARTIN, Philippe Delfino. *A Igreja Católica, a possessão demoníaca e o exorcismo: velhos e novos desafios*. In: Temporalidades – Revista de História. 2016. Edição 21, 8 (2): 447-468. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/198461502126>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SILVA, Mariângela B. R.; *et al.* *Imagem e símbolo: momentos ritualizados e a estabilização da comunicação nas organizações*. In: Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: s/p., 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2430-1.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

WHITAKER, Robert. *O impacto psicológico da pandemia: contra a patologização de nosso sofrimento*. In: AMARANTE, Paulo *et al.* *O enfrentamento do sofrimento psíquico na pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em territórios vulnerabilizados*. Rio de Janeiro: IdeiaSUS/Fiocruz: 2020. pp. 28-30. Disponível em: <http://www.ideiasus.fiocruz.br/portal/publicacoes/livros/Livro_O_enfrentamento_do_sofrimento_psiquico_na_Pandemia_1ed.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

COMO REFERENCIAR

MAIA, Rosemere. *Vade retro, Corona! Sobre corpos, espacialidades, ataque demoníaco e rituais de exorcismo em tempos de pandemia*. *Latitude*, Maceió, v. 15, n. 2, p. 158-189, 2021. DOI: <https://doi.org/10.28998/lte.2021.n.2.13257>